

# Espaços e Paisagens

*Antiguidade Clássica e Heranças  
Contemporâneas*

Vol. I Línguas e Literaturas. Grécia e Roma

Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira,  
Paula Barata Dias (coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

## A EKPHRASIS SUETONIANA DA *DOMUS AUREA*

JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO  
*Universidade de Coimbra*

### Abstract

The descriptions of the *Domus Aurea* provided by the historical tradition are probably ideologically biased, due to moralistic rhetoric against luxury and tyranny. Some modern authors tend to see a kind of religious motivation in the building of that palace, in order to promote a supposed theocratic power in Nero's reign. But we must keep to the texts: the descriptions seem only to stress the aesthetic tastes and the extravagancies of the *artifex*, although misinterpreted by tradition in the sequence of Nero's fall in 68 A.D.

**Keywords:** Biography, Nero, Roman Empire, Suetonius

**Palavras-chave:** biografia, Império Romano, Nero, Suetónio.

Das descrições que nos chegaram do famoso palácio de Nero a de Suetónio é a mais longa, mas o intuito do biógrafo não é tanto o de informar o leitor acerca dos pormenores da habitação como de sublinhar os aspectos negativos para a imagem do último dos Júlio-Cláudios. Tendo o biógrafo dividido a *Vida de Nero* entre feitos bons e razoáveis, por um lado, e infâmias e crimes (*Probra ac scelera*), por outro (*Nero*, 22.1), a descrição do palácio aparece precisamente na segunda parte, entre a ilustração dos vícios do biografado Suet., *Nero*, 31.1-2):

*Non in alia re tamen damnosior quam in aedificando domum a Palatio Esquilias usque fecit, quam primo transitoriam, mox incendio absumptam restitutamque auream nominavit. De cuius spatium atque cultu suffecerit haec rettulisse. Vestibulum eius fuit, in quo colossus CXX pedum staret ipsius effigie; tanta laxitas, ut porticus triplices miliarias haberet; item stagnum maris instar, circumsaeptum aedificiis ad urbium speciem; rura insuper aruis atque uinetis et pascuis silisque uaria, cum multitudine omnis generis pecudum ac ferarum. In ceteris partibus cuncta auro lita, distincta gemmis unionumque conchis erant; cenationes laqueatae tabulis eburneis uersatilibus, ut flores, fistulatis, ut unguenta desuper spargerentur; praecipua cenationum rotunda, quae perpetuo diebus ac noctibus uice mundi circumageretur; balineae marinis et albulis fluentes aquis. Eius modi domum cum absolutam dedicaret, hactenus comprobavit, ut se diceret quasi hominem tandem habitare coepisse.*

«Em nenhuma outra realização foi tão gastador como em construir. Edificou uma mansão do Palatino ao Esquilino, que primeiro chamou 'Transitória' e que, depois de consumida pelo incêndio, logo reconstruiu e denominou 'Casa de ouro'. Sobre a extensão e aparato será suficiente mencionar o seguinte: era

tal o vestíbulo que nele se erguia um colosso de cento e vinte pés com os traços do dono; eram tão grandes as áreas, que continham um triplo pórtico de uma milha; e também um lago à imitação de um mar, rodeado de construções a fingir de cidades; e, ainda por cima, diversos campos, de cultivo e de vinhas, de pastagens e florestas, com uma vasta fauna de todo o tipo, de gado doméstico e animais selvagens. Nas restantes partes, tudo estava recoberto de ouro e adornado de gemas e de conchas de pérolas. As salas de jantar tinham os tectos artesoados com placas de marfim móveis, de modo a espalhar flores do alto, e perfuradas, para lançar borrifos de perfumes. A sala de jantar principal era arredondada, para poder rodar continuamente, dia e noite, a fazer as vezes de mundo. Nos banhos corria água do mar e de Álbula. Concluída deste jeito a moradia, ao inaugurá-la, deu a sua aprovação, limitando-se a dizer que finalmente começava a habitar que nem um homem!»

A retórica contra Nero fica, desde logo, patente no vitupério dos gastos com o fausto, sublinhado pela gradação (manifesta no comparativo *damnosior*) que o biógrafo estabelece na descrição dos vícios e no interior desta rubrica. O topos da sumptuosidade do tirano é, para o biógrafo, o principal motivo e o enquadramento moral para a descrição que se segue.

Tanto Suetónio como Tácito salientam o facto de este palácio ser resultado do calamitoso incêndio de 64. E o autor dos *Annales* começa por lembrar que Nero construiu a sumptuosa casa sobre as ruínas da pátria<sup>1</sup>. Além disso coloca a narrativa do incêndio entre a descrição das extravagâncias públicas de Tigelino e a da *Domus Aurea*.

Suetónio menciona de passagem o anterior palácio, destruído pelo incêndio: a *Domus Transitória* que estabelecia a ligação entre os jardins de Mecenas no Esquilino, deixados por herança a Augusto, e as possessões imperiais no Palatino, como nos diz também Tácito (*Ann.* 15.39.1)<sup>2</sup>. O incêndio foi o pretexto para a construção de um palácio maior e mais esplêndido, segundo os critérios estéticos do *artifex* Nero. Diz-nos o biógrafo mais à frente que o imperador «como que desagradado com a fealdade dos antigos edifícios e com a estreiteza e sinuosidade das ruas, incendiou a Urbe tão às claras, que muitos ex-cônsules, tendo surpreendido criados dele com estopa e tochas nos seus próprios edifícios, não lhes tocaram, e que uns armazéns situados nas imediações da *Domus Aurea*, espaço que muito desejava, foram demolidos com máquinas de guerra e depois incendiados, já que as paredes eram feitas de pedra»<sup>3</sup>.

Na preocupação de demonstrar a culpabilidade de Nero, Suetónio deixa passar o anacronismo: refere-se certamente a espaços posteriormente integrados

<sup>1</sup> *Ceterum Nero usus est patriae ruinis exstruxitque domum* (*Ann.* 15.42.1).

<sup>2</sup> Já Calígula ligara o seu palácio ao Capitólio através de uma ponte, o que foi considerado manifestação de *hybris* tirânica. Cf. Suet. *Cal.* 22.4.

<sup>3</sup> *Nam quasi offensus deformitate veterum aedificorum et angustiis flexurisque vicorum, incendit urbem tam palam, ut plerique consulares cubicularios eius cum stuppa taedaque in praediis suis deprehensos non attigerint, et quaedam horrea circum domum Auream, quorum spatium maxime desiderabat, ut bellicis machinis labefacta atque inflammata sint quod saxeo muro constructa erant* (*Nero* 38.1).

na *Domus Aurea*. Ao atribuir a Nero a autoria do incêndio, o biógrafo acentua o carácter maldito da construção, que, assim, se torna, ao mesmo tempo, consequência e causa do desastre.

No que respeita à dimensão e ao luxo, o biógrafo lembra que selecciona apenas exemplos. Do vestíbulo retém o colosso de 120 pés com o rosto do imperador, que seria a primeira de várias estátuas colossais de imperadores a serem erigidas em Roma. Trata-se de uma obra da autoria de Zênodoro, posteriormente dedicada ao sol por Vespasiano, e reprovável, segundo Plínio, por ser feita no cobiçado bronze de Corinto<sup>4</sup>. A localização do colosso (*inuidiosa atria*) e a, posterior, dedicação ao sol (*miri radiata colossi*) parecem confirmadas por Marcial (*Spect.* 2.1-3; 1.70.7)<sup>5</sup>. A estátua seria ainda objecto de transformações nos principados de Adriano, que a deslocaria, e de Cómodo, que lhe daria os seus próprio traços como Hércules<sup>6</sup>.

Seguidamente o biógrafo centra-se na extensão ocupada: um pórtico de três fiadas de colunas com uma milha de comprimento (ou três pórticos de uma milha cada um, a expressão é ambígua) e o que, para Grimal, corresponderia, no conjunto, a uma espécie de microcosmos do mundo mediterrâneo, ao redor do lago central<sup>7</sup>. A referência exagerada a toda a espécie de animais domésticos e selvagens soa a generalização a partir de alguns animais exóticos.

Depois vem o adorno: a profusão de ouro e pedras preciosas. A quantidade de ouro parece impressionar também Plínio (*Nat.* 36.111). Tácito (*Ann.* 15.42.1) considera estes ornamentos usuais nas moradas luxuosas e prefere centrar a descrição impressionista nos amplos espaços panorâmicos. Tratava-se da realização de uma fantasia de um tirano, explorada pelos arquitectos Severo e Célere: uma *villa* no centro da cidade – o que causava escândalo, pela recordação da recente calamidade e pelas expropriações que o *superbus ager* implicara, como nota Marcial (*Spect.* 2.8)<sup>8</sup>. A tensão gerada pela amplitude encontra eco nos grafitos<sup>9</sup>:

«Roma vai tornar-se num palácio: fujam para Veios, quirites, / se é que este palácio não abarca também Veios».

As inovações mecânicas das salas de jantar são para o biógrafo sinais de extravagância, e estão de acordo com o carácter histriónico do imperador,

<sup>4</sup> Plin., *Nat.* 34.45; 34.48; 34.82. Cf. Mart. *Spect.* 2.1. Vide F. Oliveira 1992: 124; 181; 183.

<sup>5</sup> Embora haja quem prefira colocá-lo não no centro do átrio, mas à frente da fachada, onde seria mais visível. Vide K. Bradley 1978: 174-175.

<sup>6</sup> Cf. SHA *Hadr.* 19.13; *Com.* 17.10; D.C., 77.22.3; Her. 1.15.9. Vide J. Brandão 2007: 134-135.

<sup>7</sup> Lugar onde, mais tarde, se elevaria o anfiteatro Flávio. Cf. Mart. *Spect.* 2.5-6. P. Grimal 1955: 16-17.

<sup>8</sup> *Abstulerat miseris tecta superbus ager*. Vide A. Aiardi 1978: 99. Segundo M. Morford 1968: 158-167, a construção não terá implicado tantas expropriações como as fontes sugerem.

<sup>9</sup> *Roma dumus fiet: Veios migrate, Quirites, / Si non et Veios occupat ista domus* (Suet. *Nero*, 39.2).

amplamente desenvolvido nesta *Vida*. Dispositivos que permitiam espalhar flores e perfumes sobre os convivas têm ecos em Petrónio (*Sat.* 60) e Sêneca (*Moral.* 90. 15); e, segundo a *História Augusta*, um artifício semelhante será, mais tarde, atribuído à sala de jantar de Heliogábalo (*SHA Hel.* 90.15), amiúde comparado com Nero, entre outros (*SHA Hel.* 1.1; 31.5; 34.1; 38.1). Recorde-se o especial gosto do *artifex* Nero por estes engenhos, manifesto no orgulho com que expõe demoradamente a um conselho privado um novo tipo órgão hidráulico, numa altura em que a gravidade da revolta, que começara na Gália, o aconselhava a outro género de preocupações (*Suet. Nero* 41.2; *D.C.* 63.26.4), e até no artifício com que prepara o barco letal destinado a Agripina (*Suet. Nero* 34.2)<sup>10</sup>.

No culminar da gradação, coloca o biógrafo a *praecipua cenatio rotunda*, que, no todo ou na parte (as teorias divergem), girava como o mundo<sup>11</sup>. Alguns autores procuram identificar esta divisão com a sobrevivente sala octogonal da ala oriental do palácio, no Esquilino, mas as dúvidas persistem<sup>12</sup>. Fez história a interpretação de L'Orange que, por comparação com a sala do trono de um rei sassânida, que reinou entre os séculos VI-VII d.C., deduziu, um tanto abusivamente para outros autores, que Nero se teria inspirado nos palácios dos reis Partos<sup>13</sup>. Esta teoria parecia estar de acordo com o orientalismo do imperador, com as relações privilegiadas que ele mantinha com aquele povo<sup>14</sup> e com a suposição de alguns de que Nero pretenderia estabelecer, em Roma, uma monarquia teocrática à maneira oriental, baseada no culto do Sol. Mas o texto de Suetónio não permite extrapolar nenhum significado religioso<sup>15</sup>.

O biógrafo é claro quando introduz a exclamação de Nero de que “finalmente começava a habitar como um homem” – *quasi homo* e não *quasi deus*, observa Aiardi<sup>16</sup>. Constatamos que, no que diz respeito a Nero, Suetónio não menciona a aspiração a uma apoteose em vida, como faz para outros: sobretudo Calígula

<sup>10</sup> Usa-se o termo *machina* que designa o expediente (depois não usado) para o desabamento do tecto do quarto e *machinosum* referido ao navio sabotado. Tácito (*Ann.* 14.6.1) emprega *machinamentum* – termos do universo do teatro. Vide M. Charlesworth 1950: 71; A. FOUCHER 2000: 793-794.

<sup>11</sup> Vide A. Aiardi 1978: 95-96.

<sup>12</sup> D. Campanille 1990: 189 defende a identificação e interpreta *rotunda* não no sentido de ‘circular’, mas de ‘provida de abóbada’, inovação introduzida nas casas particulares de Roma pelos Arquitectos de Nero Severo e Célere. D. Hemsoll 1989: 10 põe a hipótese de ter existido um templete giratório por cima do óculo da sala octogonal. P. Warden 1981: 271-278 lança dúvidas sobre a inclusão na *Domus Aurea* desta secção, aparentemente posterior.

<sup>13</sup> H.-P. L'Orange 1942: 68-100. Contra, A. Boethius 1946: 442-459; A. Aiardi 1978: 95-97; D. Campanille 1990: 186-191; M. Blaison 1998: 618-619.

<sup>14</sup> Recorde-se a resolução do problema do trono da Arménia e o sucesso que um falso Nero teve entre os Partos, muitos anos depois da morte do imperador (*Suet. Nero*, 13; 57.2).

<sup>15</sup> Como notam M. Charlesworth 1950: 69-76; K. Bradley 1978: 180 e A. Aiardi 1978: 97. Vide também H. Scullard 1970: 358.

<sup>16</sup> Vide A. Aiardi 1978: 100. P. Grimal, P. 1955: 15-20 vê no passo uma expressão do estoicismo místico: no centro do microcosmos da *Domus Aurea*, Nero sentir-se-ia como um homem no sentido primordial mais puro.

(*Cal.* 22), mas também Júlio César (*Iul.* 76.2) e Domiciano (*Dom.* 13). Ora parece esclarecedor que o biógrafo, embora insista nas superstições de Nero (*Nero* 56), não refira o desejo de se tornar deus. É verdade que refere declarações bajuladoras que equiparavam Nero a Apolo e ao Sol, nas artes da cítara e do auriga, e da intenção dele de imitar os feitos de Hércules na arena, mas não menciona desejos de identificação e submete aquelas afirmações ao tema do culto da popularidade (*Nero* 53).

Grimal teoriza sobre uma suposta teologia solar deste principado, incentivada por Séneca, fundada em ideias teocráticas egípcias<sup>17</sup>, mas parece estar a generalizar a partir de conceitos e rituais comuns no país do Nilo, onde o imperador era visto como um Faraó. Uma coisa eram as honras concedidas nas províncias, em particular no Oriente, outra a prática em Roma. Já o prudente Augusto só aceitava o culto de si próprio nas províncias e quando associado ao de Roma (*Suet. Aug.* 52). Tácito (*Ann.* 15.74) sugere (apesar da lacuna do texto) que Nero vetou a construção de um templo a si próprio, com medo do mau presságio e porque, salienta o historiador, as honras divinas não se concedem ao príncipe antes da morte<sup>18</sup>. Talvez Suetónio não se tenha interessado pelas ideias teocráticas de Nero ou não as tenha entendido<sup>19</sup>, ou talvez alguns autores modernos tenham perseguido demasiado a ideia da deificação deste imperador<sup>20</sup>.

A questão pode colocar-se meramente no plano dos gostos artísticos de Nero, que parece afastar-se da austera tradição arquitectónica imperial em favor da moda helenística oriental, com maiores espaços abertos, à semelhança dos *paradeisoi* de origem persa, já imitados pelos Diádocos<sup>21</sup>. Não temos necessidade de ver na *cenatio rotunda* teorias cosmológicas ou teológicas, mas tão-só o que Suetónio transmite: uma artificiosa sucessão, em princípio giratória, de representações de noite e dia e de estações do ano<sup>22</sup>, temas comuns nas decorações das salas mais ricas. Apesar de alguns autores modernos<sup>23</sup>, verem no colosso sinal da autodivinização de Nero, Suetónio apenas o apresenta como uma evidência da megalomania presente também nas outras construções deste imperador. E é pouco provável que Nero tenha sido representado com os raios

<sup>17</sup> P. Grimal 1971: 205-217.

<sup>18</sup> Ou talvez pela modéstia implicada na *recusatio*.

<sup>19</sup> Como sugere A. Aiardi 1978: 97.

<sup>20</sup> Vide K. Bradley 1978: 289-290.

<sup>21</sup> A. Aiardi 1978: 101-103 sugere que o palácio foi concebido segundo uma tradição oriental que via na habitação do soberano o centro de onde emanava um modelo de de vida magnífico, um exemplo da *aurea aetas*, pelo que seria um *instrumentum regni* de Nero *cosmocrator*. Para D. Campanille 1990: 186-191, o espaço constitui um *kosmos* bem ordenado: um *locus amoenus* – uma idade de ouro em acto – o lugar onde apolíneo e dionisiaco se concilia para gerar o mundo artístico.

<sup>22</sup> Vide D. Campanille 1990: 189.

<sup>23</sup> Especialmente H.-P. L'Orange 1942: 68-100.

do sol<sup>24</sup>. Plínio e Suetónio apresentam-no apenas como um simples retrato de Nero<sup>25</sup>, não como símbolo religioso.

A elevação da estátua colossal e a ostentação da *Domus Aurea* poderia ter em vista a política externa, de modo a impressionar embaixadores e colocar Nero acima de qualquer rei, tendo em conta que se preparava então a visita e entronização, em Roma, de Tiridates da Arménia, em 66, depois da notável vitória militar e diplomática de Corbulão, que implicava o reconhecimento da hegemonia de Roma e de Nero por parte do rival Parto<sup>26</sup>.

Outra questão é a deformação histórica. O juízo sobre a *Domus Aurea* muito deve ao facto de Nero ser a parte perdedora em Junho de 68. O carácter reprovável das construções que se sucederam ao incêndio de 64 e a polémica à volta delas não são causas da queda de Nero, mas antes o resultado<sup>27</sup>. As descrições que nos deixaram Suetónio e Tácito têm sinais da diatribe contra o luxo já presente nas *controuersiae*, como sustém Morford<sup>28</sup>. Além disso, Este autor encontra possíveis alusões à *Domus Aurea* na descrição do palácio de Cleópatra em Lucano (1.110-121), na descrição do luxo do final da república no poema *Bellum Ciuile* do Satíricon de Petrónio (12.87-89)<sup>29</sup> e em várias ocorrências de Séneca o filósofo<sup>30</sup>, onde Nero parece ser visado de forma velada. Como nenhum dos três autores latinos viveu o suficiente para ver o palácio numa fase avançada da construção<sup>31</sup>, ou conheceriam os projectos, ou estariam a servir-se de lugares-comuns.

Os mecanismos de salas de jantar aparecem em Petrónio, entre os requintes de Trimalquião (60), e Séneca, (*Ep.* 90. 15), no final da vida, refere-os como exemplos de vida faustosa, com notáveis semelhanças com o texto de Suetónio<sup>32</sup>. Dir-se-ia que este tipo de *cenationes* se iam já constituindo em *loci* apetitosos

<sup>24</sup> Como nota K. Bradley 1978: 175-177.

<sup>25</sup> A dedicação ao Sol é posterior. Plínio (*Nat.* 34.45) diz que foi dedicado ao Sol depois que os *scelera* de Nero foram condenados. Vide F. Oliveira, F. 1992: 181. Marcial (1.70.7) fala de *miri radiata colossi*, no tempo dos Flávios, e Herodiano (1.15.9) refere-se claramente à representação do sol, mas já no tempo de Cómodo. Opinião oposta tem M. Levi 1973: 221, para quem o colosso é uma estátua do sol com o rosto de Nero, razão pela qual não foi (diz ele) alvo da *damnatio memoriae*.

<sup>26</sup> Vide M. Charlesworth 1950: 72; K. Bradley 1978: 172-173.

<sup>27</sup> Como salienta J. Elsner 1994: 123.

<sup>28</sup> Vide M. Morford 1968: 158-179.

<sup>29</sup> Note-se especialmente a referência ao ouro e o eco que parece ter em Suetónio a expressão *mare nascitur aruis* (v.88).

<sup>30</sup> Especialmente na *Ep.* 90.43 a expressão *domos instar urbium* parece antecipar a descrição de Suetónio *stagnum maris instar, circumsaeptum aedificiis ad urbium speciem*. Vide M. Morford 1968: 177.

<sup>31</sup> Para a datação do romance de Petrónio, Vide D. Leão 1998: 19-31.

<sup>32</sup> D. Campanille 1990: 186-191 considera a frase de Séneca *Qui inuenit quemadmodum in immensam altitudinem crocum latentibus fistulis exprimat* como provável antecedente da expressão suetoniana *cenationes laqueatae tabulis eburneis versatilibus, ut flores, fistulatis, ut unguenta desuper spargerentur*.

para os moralistas - a não ser que tais artifícios já existissem na fase anterior, a da *Domus Transitoria*, datada de 60.

A tradição épica e trágica terá contribuído para a tipificação nos relatos históricos. A insistência na profusão de ouro e outros materiais preciosos dos aposentos reais é visível, por exemplo, na tradição sobre o requinte de cariz oriental do palácio de Menelau<sup>33</sup>, e, naturalmente, no palácio da Rainha, nos *Persas* de Êsquilo (159)<sup>34</sup>. Semelhante fausto, onde pontifica o ouro, se observa também no palácio da tília Dido, em Virgílio (*Aen.* 1.637-642; 697-700).

Marie Blaison sustenta que a descrição de Suetónio se enquadra no género literário da *ekphrasis* de uma morada sumptuosa, cruzada com o topos do *locus amoenus*, de acordo com a tradição fixada desde os poemas Homéricos<sup>35</sup>. A gruta de Calipso (*Od.* 5.60-75) e, sobretudo, o palácio de Alcínoo (*Od.* 7.80-140) tornaram-se modelos de referência, como patenteiam Marcial e Estácio, entre outros<sup>36</sup>. A autora salienta ainda as semelhanças entre o texto de Suetónio e a descrição do palácio do Sol nas *Metamorfoses* de Ovídio (2.1-30)<sup>37</sup>: há elementos que se repetem, como o mar, os campos e animais, a culminar num átrio, com representações do zodíaco, e uma sala do trono, onde Febo se senta entre os dias, os anos, os séculos, as horas e as estações – figurações estas que lembram a *cenatio rotunda*.

Em suma, Suetónio, que, ao contrário de Marcial, não conheceu o palácio no aspecto original, herda das suas próprias fontes o *color* retórico que estas introduziram na transmissão dos factos. A sua descrição não insinua que a *Domus Aurea* tenha pretensões a ser a morada de um deus, mas não deixa de pôr em evidência o atentado à modéstia e à vivência da cidadania romana por parte do *princeps*. O juízo de Suetónio é, antes de tudo, moral: a diatribe contra o luxo que irá lançar Nero na pilhagem, depois de ter esgotado os recursos. O intuito do biógrafo é, também através da descrição tipificada da *Domus Aurea*, revelar o carácter tirânico do *artifex*. E ficamos com a ideia de que os termos em que se expressa são anteriores à própria construção.

<sup>33</sup> Cf. *Od.* 4. 44-45; 71-75; 120-122; 125-135 Eur. *Tr.* 993-997, *Or.* 1338. Sobre o ouro como marca distintiva do fausto oriental, vide M. F. Silva 2007: 89-103.

<sup>34</sup> Vide M. C. Fialho 1995: 21ss. Às Doutoradas Maria do Céu Fialho e Susana Marques agradecemos as oportunas sugestões que nos deram sobre este assunto.

<sup>35</sup> Mas exagera ao dizer a descrição de Suetónio não repousa sobre a realidade concreta e ao negar-lhe qualquer valor testemunhal (p. 623). Além disso a manipulação não será propriamente de Suetónio, como sugere a autora, mas, mais provavelmente, das suas fontes.

<sup>36</sup> Seguem o modelo e referem-se explicitamente aos jardins de Alcínoo Marcial, ao celebrar a *uilla* que Marcela lhe oferecera em BÍlbilis (4.64), e Estácio, ao cantar a *uilla* de Manílio Vopisco (*Silv.* 1.3, especialmente vv. 81-89). Também Apuleio adoptará o mesmo esquema para a descrição do palácio de Amor (*Met.* 5.1). Vide M. BLAISON, M. 1998: 621-623.

<sup>37</sup> M. BLAISON, M. 1998: 620-621.

## Bibliografia

- A. Aiardi (1978), “Per un’interpretazione della Domus Aurea”, *PP* 33 90-103.
- M. Blaison (1998), “Suétone et l’*ekphrasis* de la *Domus Aurea*”, *Latomus* 57 617-624.
- A. Boethius (1946), “Neros’s Golden House”, *Eranos* 44 442-459.
- K. Bradley (1978), *Suetonius’ Life of Nero. An historical commentary*. Bruxelles.
- J. L. Brandão (2007), “Cómodo: outro Calígula, outro Nero”, *Humanitas* 59 133-146.
- M. Charlesworth (1950), “Nero: some aspects”, *The Journal of Roman Studies* 40 69-76.
- D. Campanille (1990), “*Praecipua cenationum rotunda*”, *Athenaeum* 78 186-191.
- A. Foucher (2000), “Nature et formes de l’“histoire tragique” à Rome”, *Latomus* 59 773-801.
- M. C. Fialho (1995), “*Os Persas* de Ésquilo: história e mito”, *Boletim de Estudos Clássicos* 24 21-38.
- P. Grimal (1955), “Sur deux ‘mots’ de Néron”, *Palas* 3 15-20.
- P. Grimal (1971), “Le *De Clementia* et la royauté solaire de Néron”, *REL* 49 205-217.
- J. Elsner (1994), “Constructing decadence: the representation of Nero as imperial buider” in J. Elsner & J. Masters (ed.) *Reflections of Nero. Culture, history & representation*. London, 112-127.
- D. Hemsoll (1989), “Reconstructing the octagonal dining room of Nero’s Golden House”, *Architectural History* 32 1-17.
- D. Leão (1998), *As ironias da fortuna. Sátira e moralidade no Satyricon de Petrónio*. Lisboa.
- M. Levi (1973), *Nerone e i suoi tempi*. Milano.
- H.-P. L’Orange (1942), “*Domus Aurea* – der Sonnenpalast”, *SO* 22 68-100.
- F. Oliveira (1992), *Les idées politiques et morales de Pline l’Ancien*. Coimbra.
- M. Morford (1968), “The distortion of the *Domus Aurea* tradition”, *Eranos* 66 158-179.
- H. Scullard (<sup>3</sup>1970), *From the Gracchi to Nero*. London.
- M. F. Silva (2007), “Helena, um exemplo de futilidade feminina e de snobismo bárbaro” in J. Bañuls, M. C. Fialho, A. Lopez, F. De Martino, C. Morenilla, A. Pociña Pérez, M. F. Silva (ed.), *O mito de Helena de Tróia à actualidade*. I. Coimbra, 89-103.
- P. Warden (1981), “The *Domus Aurea* reconsidered”, *The Journal of the Society of Architectural Historians* 40 271-278.